



## **LITERATURA E CIÊNCIA** DIALOGOS MULTIDISCIPLINARES II

Isabel Barros Dias  
Gabriela Gândara Terenas  
Margarida Esperança Pina  
Margarida Santos Alpalhão  
Maria de Fátima Nunes  
Maria do Rosário Lupi Bello  
Teresa Nobre de Carvalho  
[Editoras]



## TÍTULO

LITERATURA E CIÊNCIA  
DIÁLOGOS MULTIDISCIPLINARES II

## EDITORAS

ISABEL BARROS DIAS;  
GABRIELA GÂNDARA TERENAS; MARGARIDA ESPERANÇA PINA;  
MARGARIDA SANTOS ALPALHÃO; MARIA DE FÁTIMA NUNES;  
MARIA DO ROSÁRIO LUPI BELLO; TERESA NOBRE DE CARVALHO

## PRODUÇÃO

SERVIÇOS DE PRODUÇÃO DIGITAL | DIREÇÃO DE APOIO AO CAMPUS VIRTUAL

## EDIÇÃO

UNIVERSIDADE ABERTA 2021

## COLEÇÃO

CIÊNCIA E CULTURA | N.º 11

## ISBN

978-972-674-895-3

## DOI

<https://doi.org/10.34627/rypn-vz41>

Este livro é editado sob a Creative Commons Licence, CC BY-NC-SA 4.0  
De acordo com os seguintes termos:  
Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 4.0 Internacional  
Creative commons licence

# I PARTE

## O IMAGINÁRIO CIENTÍFICO EM DIÁLOGO COM A LITERATURA

Ana Margarida Chora IELT | [A ciência dos astros: o espelho da sabedoria nos contos das Mil e Uma Noites](#)

Natália Maria Lopes Nunes | [Ciência e Literatura – O Poema da Medicina de Ibn Sīnā \(Avicena\)](#)

Gabriela Fragoso | [Os diários de viagem de Alexander von Humboldt no contexto da sua obra: estilo literário, emotividade e ciência](#)

Filomena Fernandes Gonçalves / Francisco Javier Sánchez-Verdejo Pérez | [“Literature-Science: Anglosaxon dialogue from an Iberian perspective”](#)

Miguel Alarcão | [Literatura e psicanálise: para uma abordagem do\(s\) sonho\(s\) nos romances de Júlio Dinis](#)

La Salette Loureiro | [A perspectiva evolucionista na ficção de Nuno Bragança](#)  
Maria do Carmo Cardoso Mendes | [“A ciência na literatura”: diálogos e conflitos em Ian McEwan](#)

Caroline Cavalcante do Nascimento | [Escrita ciborgue: análise da ficção científica feminista Universo Desconstruído a partir de Donna Haraway](#)

Thaís Costa Nascimento | [A Vida Ilusória de Leontina](#)

Souad Atoui-Labidi | [L'ablation de Tahar Ben Jelloun: une écriture de la maladie et de ses cures](#)



## II PARTE

### O DIÁLOGO PAN-DISCIPLINAR ENTRE LITERATURA, CIÊNCIA, TECNOLOGIAS, MEDIA E OUTRAS ARTES

Iolanda Ramos | [Mecanização de Corpo e Alma: Curiosidades Científicas e Autômatos \(Neo\)vitorianos](#)

Carlos Augusto Ribeiro | [Arte e Medicina ou da relação entre distintos modos de cura](#)

Raissa Gregori Faria Neves | [Dulcina de Moraes: a atriz personagem](#)

Carlos Mateus da Costa Castello Branco | [Cristo x Bomba: dramaturgia, tecnologia e tensão no século XX](#)



# A PERSPETIVA EVOLUCIONISTA NA FICÇÃO DE NUNO BRAGANÇA

La Salette Loureiro

<https://orcid.org/0000-0001-9236-2735>

Universidade NOVA de Lisboa-FCSH / CHAM

**Resumo:** A ficção de Nuno Bragança tem subjacente uma visão do Homem e do Universo que assume claramente a perspetiva evolucionista, mantendo-se esta em pano de fundo, mas aflorando frequentemente à superfície do texto. Esta questão ganha um particular relevo pelo facto de o autor ser um católico progressista, podendo esta opção, por esse motivo, entrar em conflito com as diretrizes da Igreja. Porém, ela é facilmente explicável se tivermos em conta a contemporaneidade do autor com as teorias do cientista e teólogo francês Teilhard de Chardin e do historiador Arnold J. Toynbee, ambos referidos e citados pelo autor.

A presença desta perspetiva manifesta-se nas frequentes referências à sequência evolutiva do Homem e do Universo, mas também no posicionamento e no questionamento dos narradores e personagens, que de várias formas articulam e equacionam a frase “Vindos donde, indo para onde?”.

**Palavras-chave:** Evolução; Nuno Bragança; *A Noite e o Riso*; *Directa*.

**Abstract:** The fiction of Nuno Bragança has underlying a vision of man and the universe that clearly assumes the evolutionary perspective, keeping this in the background, but often outcropping

the surface of the text. This issue gains a particular emphasis on the fact that the author is a progressive Catholic, and this option may therefore conflict with the Church's guidelines. However, it is easily explicable if we take into account that the author is more or less contemporary with the theories of the French scientist and theologian Teilhard de Chardin and the historian Arnold J. Toynbee, both referred to and cited by Bragança.

The presence of this perspective manifests itself in the frequent references to the evolutionary sequence of Man and the Universe, but also in the positioning and questioning of the narrators and characters, who in various ways articulate and equate the phrase “Coming from where, Going where?”.

**Keywords:** Evolution; Nuno Bragança; *A Noite e o Riso*; *Directa*.

## 1 | Introdução

A ficção de Nuno Bragança tem subjacente uma visão do Homem e do Universo que assume claramente a perspetiva evolucionista, mantendo-se esta em pano de fundo, mas aflorando frequentemente à superfície do texto, facto que no Portugal da época se explica pela divulgação das teorias do cientista e teólogo francês Teilhard de Chardin e do historiador Arnold J. Toynbee, ambos referidos e citados pelo autor.

Na verdade, a presença destes pensadores na atualidade portuguesa dos anos 60 é muito evidente para uma certa elite intelectual, o que justifica a frequência com que as suas teorias e os seus nomes aparecem nos textos de Nuno Bragança, autor que em 1961 traduziu do francês o livro de Claude Tresmontant intitulado *Introdução ao pensamento de Teilhard de Chardin*, o que, por si só, lhe permite ter um conhecimento aprofundado das teorias deste cientista.

Na sua escrita, esta perspetiva manifesta-se nas frequentes referências à sequência evolutiva do Homem e do Universo, mas também na ação, no posicionamento e no questionamento dos narradores e personagens, através dos quais equacionam o seu contributo para a construção de uma Super-Humanidade (Teilhard de Chardin e Toynbee), um estádio da Evolução a atingir num futuro longínquo, considerando, por isso, que, como nas teorias referidas, ela continua em marcha, mas já sob a direção e a ação do Homem.

## 2 | “Ficção Científica”: um futuro inquietante

A primeira abordagem ficcional do tema surge num pequeno texto de 1962, intitulado “Ficção Científica”, publicado em Paris no n.º 10 da revista *KWY*, em português e em francês. A história contada neste texto de cerca de vinte linhas põe em cena a sequência da evolução, perspetivando-a a partir de um momento futuro, numa situação de catástrofe diluviana, já quando “o fim

de tudo estava à vista” (Bragança, 1962: 10). O protagonista, armado com as possibilidades que a ficção oferece, segue o conselho do tio Artur, que vai já arrastado pela enxurrada e lhe sugere um recuo na Evolução, dizendo-lhe “Faz marcha atrás e faz-te peixe” (Bragança, 1962: 10). A oportunidade de seguir este conselho surgiu com o aparecimento de um salmão, também arrastado pela corrente, que se deslumbra com o cinto do protagonista, um objeto que marca a superioridade do Homem na Evolução. Este facto deixa o protagonista furioso e leva-o a pescar o peixe “com brutalidade” (Bragança, 1962: 10). A relação entre os dois prossegue com a violência do homem sobre o salmão, sendo este obrigado a ceder sempre perante a superioridade “sapiens” do seu dono e senhor que, a partir do primeiro momento, controla e dirige a sua evolução. Esta abrange toda a passagem do estádio de peixe até ao homem do presente, incluindo as mudanças físicas e mentais, sintetizadas na fórmula “Pu-lo a respirar, a caminhar, a peregrinar de Euclides até Eddington. Entre o rupestre e a école *du regard* foi um breve rufo; tínhamos tão pouco tempo! Deixei-o deixar crescer a barba e rebolar as ancas. Quando falou em alunar dei-o por pronto” (Bragança, 1962: 10).

Esta história alegórica e o seu desfecho deixam-nos importantes pistas sobre o pensamento de Nuno Bragança, que se desvelará na sua produção literária posterior. Em primeiro lugar, constata-se que o autor está muito bem informado sobre a história da evolução, em cujo processo atribui à arte um lugar de destaque,



ideia que virá a ser corroborada pelo neurocientista António Damásio (Damásio, 2010: 362-3). Em segundo lugar, realça-se a responsabilidade do Homem pelo processo da Evolução, o que acontece a partir de determinada fase, a do *homo sapiens*, e a sinalização de duas preocupações do autor, a agressividade do Homem perante o próprio planeta e seus habitantes e a destruição total a que essa agressividade fatalmente conduzirá. O desfecho trágico da sua alegoria, que termina com a morte do homem e do peixe por afogamento, afasta-se das previsões de futuro de Teilhard de Chardin, que são bastante mais optimistas, e aproxima-se mais de Arnold J. Toynbee, que considera que a partir do Paleolítico médio, os perigos vêm do Homem (Toynbee, 1948: 154) e admite mesmo a destruição total da raça humana como catástrofe máxima, por via da utilização da bomba atómica (Toynbee, 1948: 154). Esta possibilidade está também presente em Teilhard de Chardin, mas com um grau de probabilidade ínfimo.

### 3 | “Vindos donde, indo para onde?”

Trabalhando em diferentes áreas do saber, Ciência e História, Teilhard de Chardin e Toynbee confluem no que diz respeito ao Cristianismo, uma área particularmente importante para Nuno Bragança, um católico progressista assumido. Ocupando-se ambos do passado, mas analisando também o presente, ambos elaboram teorias sobre o Futuro, em que o Cristianismo desempenhará um papel fundamental, devendo ocorrer uma

espiritualização crescente da Humanidade. Empenhados na construção de uma Nova Terra, preconizam ambos a transformação do Homem em Super-Homem e da Humanidade em Super-Humanidade<sup>1</sup>, através de uma unificação que a religião cristã operará.

Desde cedo preocupado com o presente e o futuro de Portugal, da Humanidade e do planeta, Bragança revela-se muito atento a estas teorias, com as quais tende a concordar, em diferentes graus de adesão, como mostram vários dos seus textos, onde os autores em análise marcam presença de várias formas.

De facto, na sua ficção, as personagens perspetivam as suas próprias vidas, a Humanidade e o Mundo, como estando em constante Evolução, a nível micro ou macro, e posicionam-se elas próprias nesse processo em curso.

Mais especificamente, diríamos que na sua escrita se encontram vários aspetos que se filiam nas teorias de Teilhard de Chardin, de que destacamos:

- a sequência da Evolução e a sua culminação no Homem, através da Consciência e da Reflexão, com referências a estádios específicos da evolução no Homem;
- a capacidade do Homem de projetar, antecipar, inventar e construir o Futuro (seu e do mundo);

<sup>1</sup> Cf. Jacques Madaule, 1953: 12-65.

- a ideia de que esse Futuro se deve construir por companheirismo, ou seja, através da união, do Amor, tanto individual, como coletivamente;
- a ideia de que a análise do passado permite prever, profetizar o futuro da Evolução.

Quase todos estes pontos são visíveis numa curta passagem de *A Noite e o Riso*, onde se diz: "Vou mais: da fortaleza em companheirismo se descobrirá talvez nosso destino, que o passado profetiza. Peixe deu animal de seco, anos depois nós-mesmos. Homem é apogeu desértico. Entrevê distantes águas e talvez seja miragem, talvez não" (Bragança, 1995a: 112). Este fragmento, situado num contexto em que o protagonista analisa a sua situação no mundo e considera que este está, desde o começo, em permanente "situação de naufrágio" (Bragança, 1995a: 111), denuncia claramente os ensinamentos de Teilhard de Chardin.

Qualquer destes pontos volta a ser retomado, desenvolvido ou especificado neste ou nos romances seguintes, integrados na ação das personagens e na problematização destes assuntos, procurando frequentemente respostas para as perguntas "Vindos donde, indo para onde?" (Bragança, 1995b: 246), questões que, segundo António Damásio, poderão ter sido levantadas já pelos primeiros humanos (Damásio, 2010: 357).

A sequencialização da Evolução reaparece em *Directa*, cruzando-se já com um texto de Toynbee. Diz o protagonista:

"Mamíferos. Répteis. Anfíbios" (Bragança, 1995b: 263), ou por ordem direta: "Cinquenta e cinco milhões de anos de Evolução para que aparecesse um animal pequeno, do tamanho de um rato curto: um animal chamado primata. Primata dera antropóide e antropóide dera Homem" (Bragança, 1995b: 263).

Em outras passagens refere-se o "Neandertal" (Bragança, 1995a: 195), o "*homo faber, sapiens* (e portanto também *pictor*)" (Bragança, 1995b: 250). Este último comentário, colocado entre parêntesis, retoma a ênfase conferida pelo autor ao papel desempenhado pela invenção e a prática da arte no processo evolutivo, mostrando que para Nuno Bragança a Literatura e as Artes são e serão um marco neste percurso, como vimos já no texto de 1962, como é lembrado em *A Noite e o Riso* e confirmado em *Directa e Square Tolstoi*. No primeiro destes romances, o protagonista corrobora esta ideia do papel atribuído à arte na evolução quando afirma que "os de nós humanos que carregam hoje a interminável faina de escrever não fazem outra coisa do que confirmar a luta de seus antepassados caçadores" (Bragança, 1995a: 108).

Em *Directa e Square Tolstoi* reafirma-se a convicção de que o exercício da função de escritor é uma forma de cumprir os desígnios de fabricação de uma Nova Terra, através da promoção da unidade de todos os Homens, ideia fundamental em Teilhard de Chardin. No primeiro destes romances, o protagonista-escritor regozija-se por "saber-se ponte" e "ligar vida a mais vida" (Bragança, 1995b: 246); no segundo, a personagem experimenta



"uma inesperada e fortíssima consciência do labor ininterrupto, ocorrido no planeta, até surgirem os primeiros homens capazes de fixarem palavras de maneira a durarem e serem transportadas. Até que uma mão escreveu que o homem proveio da Terra" (Bragança, 1996: 233).

Esta convicção de Bragança virá a ser corroborada, aliás, pelo neurocientista António Damásio, quando este se refere aos pináculos atingidos pela biologia (Damásio, 2000: 48), ou quando analisa o papel específico desempenhado pela linguagem, pela escrita e pela arte. Damásio considera que esta última "É uma das mais espantosas oferendas da consciência aos seres humanos" (Damásio, 2010: 363), e afirma que ela "prevaleceu na evolução porque teve valor para a sobrevivência e porque contribuiu para o desenvolvimento do conceito de bem-estar" (Damásio, 2010: 362).

Esta ideia, coincidente com o conceito de progresso humano e social de Toynbee<sup>2</sup>, confirma a Literatura e a Arte como agentes da Evolução, em sintonia também com António Damásio, quando ele diz que a Arte "Ajudou a consolidar os grupos sociais e a promover a organização social; apoiou a comunicação; compensou os desequilíbrios emocionais causados pelo medo, pela raiva, pelo desejo e pela mágoa" (Damásio, 2010: 362-3).

<sup>2</sup> "The progress with which we are here concerned is a progressive improvement, continuous and cumulative from generation to generation, in our social heritage" (Toynbee, 1948: 261).

Numa tal perspetiva cabe a ideia de união e do amor-energia, que a ficção de Bragança assume, tanto a nível individual como coletivo. Em qualquer dos casos, estabelece-se como ideia-base o axioma recorrentemente invocado por Teilhard de Chardin, segundo o qual a "união diferencia", super-personaliza, ficando desde logo afastada a possibilidade de o coletivo asfixiar o individual, mas promovendo a ideia de que só pela união se atinge o nível máximo de personalidade<sup>3</sup>. Esta opinião é partilhada também por Toynbee, que considera que "man is a social creature. He cannot achieve the potentialities of his nature except by going outside himself and entering into relations with other spiritual beings!" (Toynbee, 1948: 257).

Do ponto de vista individual, o par amoroso de *A Noite* e o *Riso* ilustra o axioma e a teoria do amor de Teilhard de Chardin, ao mostrar que a relação amorosa e sexual das personagens as conduz a uma descoberta progressiva da sua personalidade própria, aumentando-a. Ao mesmo tempo, este relacionamento mostra que um e outro se completam, dando forma à convicção deste cientista de que "A molécula humana completa constitui já à nossa volta um elemento mais sintético, e conseqüentemente mais espiritualizado do que a pessoa-indivíduo – é uma dualidade, que inclui simultaneamente 'masculino' e 'feminino'" (Teilhard de Chardin, 1968: 88), cumprindo assim "o papel cósmico da

<sup>3</sup> Diz Teilhard de Chardin: "Seja em que domínio for – quer se trate das células de um corpo, ou dos membros de uma sociedade, ou dos elementos de uma síntese espiritual – a União diferencia. As partes aperfeiçoam-se e completam-se em qualquer conjunto organizado" (Teilhard de Chardin, 1970: 287).

sexualidade" (Teilhard de Chardin, 1968: 88). Neste sentido, para Teilhard de Chardin, o indivíduo humano representa já um estágio mais avançado da Evolução, que se movimenta "em direção a uma mais perfeita concentração, ligada a ulterior diferenciação, também ela obtida por união" (Teilhard de Chardin, 1968: 88). Neste processo, este cientista atribui à mulher o papel principal, já que ela "é precisamente, para o homem, o termo susceptível de desencadear este movimento em frente" (Teilhard de Chardin, 1968: 88).

Em *A Noite e o Riso*, a relação amorosa enquadra-se nestes princípios, cabendo a Zana, a personagem feminina, assumir a liderança do casal, servindo-se da sua "intuição mestra no destinar" (Bragança, 1995a: 102) para compelir o seu parceiro para a frente.

No mesmo sentido, é através desta relação, e mais precisamente da experiência sexual, que o protagonista masculino se aproxima do seu centro, da sua personalidade, pois como o próprio constata: "Banho na primeira experiência violenta do que eu sou, ao fim de contas certas. Cada movimento me aproxima implacavelmente do meu centro" (Bragança, 1995a: 201). Simultaneamente, neste processo, ele também descobre que "eu-mesmo não é, nem pode ser, eu-só" (Bragança, 1995a: 201). Em suma, estes protagonistas atingem pela sua relação os efeitos que o autor francês atribui ao amor individual (Teilhard de Chardin, 1959: 75).

Já do ponto de vista coletivo, é em *Directa* que se desenvolve e completa a visão do Amor de Teilhard de Chardin, ao pôr-se em cena e ao problematizar-se a articulação do individual e do coletivo, e a conexão entre passado, presente e futuro, expandindo a ideia "da fortaleza em companheirismo" (Bragança, 1995a: 112), orientada para a construção do Futuro, já apresentada no romance anterior. A nosso ver, desenrolando-se em vários planos, este romance aborda o individual, o nacional e o universal, quer através da ação, quer através da reflexão das personagens, e fá-lo remetendo tanto para Teilhard de Chardin como para Toynbee.

Neste caso, a teoria das civilizações de Toynbee é bem evidente, através da citação anónima de uma passagem de *Um Estudo de História* e da referência direta e explícita à alegoria criada pelo autor inglês para representar a Evolução da Humanidade (Toynbee, 1947: 49-50). Bragança anuncia esta alegoria dizendo que "Toynbee tinha arrancado da cabeça uma metáfora tão inesquecível como a da caverna de Platão" (Bragança, 1995b: 249-250) e procede depois a uma paráfrase do texto e a uma reflexão sobre o assunto.

Nesta alegoria, Toynbee figura a evolução das sociedades na subida de uma Montanha enorme, com sucessivas concavidades. No presente, numa concavidade sensivelmente a meio da encosta, de onde não é possível ver nem o sopé nem o topo da montanha, encontram-se os "atletas" que estão a escalar

até à próxima concavidade (Sociedade Ocidental) e aqueles que estão aparentemente paralisados e já não poderão sair dali (Sociedades primitivas). Mas Toynbee acrescenta que se estes últimos fossem de facto paralíticos não teriam chegado até ali, sendo, por isso, atletas que se encontram a descansar do esforço despendido. Acresce que muitos dos que no momento estão a escalar poderão não alcançar o patamar seguinte, acabando por soçobrar, caindo no abismo, metáfora usada também por Bragança, cuja personagem se assume ela própria como um dos "atletas" a escalar a montanha.

Deste ponto de vista, a Humanidade movimenta-se numa marcha ascensional, realizada por grupos sucessivos de alpinistas, que, como nas provas de estafetas, sucessivamente e de forma solidária passam o testemunho aos grupos seguintes, que continuam em direção a uma meta de contornos ainda indefinidos e desconhecidos. Não obstante, no esforço da escalada, muitos sucumbem, caindo no Abismo.

O protagonista de Bragança, olhando em direção ao topo e à base dessa montanha, a origem e o futuro da Humanidade, ambos invisíveis no presente, propõe um "Mergulho terrível, [...] em que, em alternadas séries de concavidade e precipício, poderia iniciar-se uma investigação sobre se a Montanha é finita ou infinita" (Bragança, 1995b: 250).

No capítulo 18 do romance, esta alegoria estrutura grande parte da reflexão do protagonista, resistente e escritor, que encaixa

os seus atos e os dos seus companheiros de resistência na escalada desta montanha, portanto, no processo evolutivo da Humanidade. Assim, tanto a escrita como a resistência contra a ditadura são integradas nesse processo, enquadrando, por isso, tanto o plano nacional como o universal.

Enquanto escritor, a personagem-narrador afirma-se como elo que liga os seres humanos do presente, mas também do futuro, ao afirmar

saber-se ponte. E mais: saber que é isso o mais fundo motivo do agir humano, do manter-se uma pessoa viva por ligar vida a mais vida – ser a descontinua invenção do passo atrás de passo na corda bamba por cima do abismo. Vindos donde, indo para onde? (Bragança, 1995b: 246).

Enquanto resistente, a sua luta contra a ditadura salazarista e a ação de Júlio, resistente perseguido e em fuga, "Eram – naquele momento – atos necessários à trepadela contemporânea. Mas qual era esta?" (Bragança, 1995b: 250), portanto, a sua ação é um passo dado no caminho do futuro do Homem. A pergunta final denuncia o desconhecimento desse futuro, no entanto, é evidente para a personagem que se aproxima um novo patamar evolutivo, uma nova concavidade, como revela uma outra passagem:

Reconheço: diante dos abismos na metáfora da Montanha, eu tentava agarrar-me a qualquer coisa que me devolvesse

a segurança perdida ao ver-me assim a baloiçar por sobre os precipícios cósmicos, através dos quais a vida alcançara forma humana; e por sobre os quais esta – atual – forma humana parecia convidada a dar outro salto mutativo (Bragança, 1995b: 251)<sup>4</sup>.

A incerteza quanto a essa forma futura da humanidade, convoca mais uma vez para o romance o pensamento de Teilhard de Chardin e de Toynbee, ambos impregnados pelo Cristianismo, apontando para duas saídas possíveis, diametralmente opostas: a catástrofe ou a salvação.

#### 4 | Rumo a uma Nova Terra?!

Para estes dois autores, o Futuro da Humanidade está entregue ao próprio Homem, dependendo apenas do caminho que este escolher. Em Teilhard de Chardin, a opção pelo amor, pela união, deverá conduzir a uma megassíntese, o ponto Ómega, ou seja, a salvação. Já a opção contrária levará o Homem ao isolamento e à dispersão e finalmente ao suicídio, ao naufrágio. Para este cientista, o “Amai-vos uns aos outros” do Evangelho transforma-se em “Love one another, or you perish” (Teilhard de Chardin, 1971: 153). Nesta matéria, a ideia de Toynbee é muito próxima, pois ele considera que “the opportunity for obtaining salvation in this world would be open to every soul, since every soul always

<sup>4</sup> Cf. Toynbee (1947: 50 e ss.) e Teilhard de Chardin, 1971: 153: “we are inevitably approaching a new age”.

and everywhere has within its reach the possibility of knowing and loving God” (Toynbee, 1948: 263).

A questão da salvação da Humanidade através do amor pelos semelhantes (amor universal, segundo Teilhard de Chardin) está na base da ação de Nuno Bragança e suas personagens e aparece plasmada na reflexão seguinte:

Eu debatia-me numa enxurrada que impelia cada vez mais gente para a morte total. E procurava rostos, corpos, mãos – mãos dáveis à tarefa coletiva de livrar a Humanidade do suicídio. Não era em qualquer espécie de individualismo que quem quer que fosse encontraria solução (Bragança, 1995b: 266).

Uma tal afirmação tem implícito um pensamento que reflete a consciência da ameaça do uso da bomba atômica e da guerra fria<sup>5</sup>, já aludidas anteriormente no romance (Bragança, 1995b: 264), mas também a importância das formas de organização social e seus efeitos sobre a Humanidade, analisadas pelos dois autores visados. Estes modelos organizativos podem ser exemplificados negativamente a partir do caso de Portugal de Salazar, uma ditadura “mesmo junto (à beira) da Europa de hoje: o Ocidente salarizável” (Bragança, 1995b: 254), uma situação que o protagonista confessa não poder aceitar e que o mobiliza para lutar por uma saída, conjuntamente com outros companheiros.

<sup>5</sup> Cf. Toynbee: “We are aware that the atom bomb and our many other new lethal weapons are capable, in another war, of wiping out not merely the belligerents but the whole of the human race” (Toynbee, 1948: 25).

Na visão apresentada, tais formas de organização social terão de ir muito além daquelas que precederam o Homem na linha da Evolução, especialmente as dos insetos (Cf. Damásio, 2010: 57; 2017: 246 e ss.), que, segundo Teilhard de Chardin, são "Agrupamentos essencialmente mecânicos e familiares constituídos em obediência a um gesto puramente 'funcional' de construção, de defesa ou de propagação. A colmeia. A colmeia. O formigueiro" (Teilhard de Chardin, 1970: 263). A esse modelo de organização social, Toynbee compara sociedades como a de Esparta, cujas características, "supervision, selection, specialization and the competitive spirit" (Toynbee, 1947: 180), degradam os homens até ao nível do sub-humano, uma condição que conduz ao retrocesso civilizacional e à estagnação evolutiva, como aconteceu a esses insetos<sup>6</sup>. Tal como Toynbee, em *Directa*, Bragança inclui neste modelo o caso das Utopias e dos regimes totalitários estabelecidos pela força no Ocidente no século XX, como o comunismo, o nacional-socialismo, o fascismo<sup>7</sup>. Na mesma linha, defende-se na escrita de Bragança que só sociedades em que "the infinite variety of human nature" (Toynbee, 1947: 182) é desenvolvida, correspondendo ao ideal

<sup>6</sup> "Thereby they have set their feet on the path of retrogression" (Toynbee, 1947: 182); "These arrested societies resemble the societies of bees and ants, which have been stationary since before the dawn of human life on Earth" (Toynbee, 1947: 575).

<sup>7</sup> "(Parallels with such a fate are furnished both by the imaginary human societies called Utopias and by the actual societies achieved by the social insects. If we enter into the comparison we shall find in the ant-heap and in the bee-hive, as well as in Plato's *Republic* or in Mr. Aldous Huxley's *Brave New World*, the same outstanding features as we have learnt to recognize in all the arrested civilizations – caste and specialization)" (Toynbee, 1947: 182; 1948: 256); Cf. Bragança, 1995b: 263.

de Péricles, "are capable of achieving growth in civilization" (Toynbee, 1947: 575). Esta ideia é também defendida por António Damásio, para quem "a mente consciente humana deu um novo rumo à evolução precisamente por nos dotar de opções, por tornar possível uma regulação sociocultural relativamente flexível, bem para além da organização social complexa que os insetos, por exemplo, exibem de forma tão espetacular" (Damásio, 2010: 57; cf. também 2017: 246 e ss.).

Em *Directa*, o questionamento a que o protagonista submete a relação do ser humano/ indivíduo com a Comunidade e a História, através do seu próprio caso e de outras personagens, reflete a influência da leitura de Toynbee<sup>8</sup>.

Com efeito, entre uma posição de sacrifício da felicidade individual ao interesse exclusivo da comunidade e da História, própria de sociedades totalitárias, e uma posição de alheamento da História, própria de certas filosofias, como o budismo e outras (Toynbee, 1948: 257), à semelhança de Toynbee e Teilhard de Chardin, a ficção de Bragança aponta para uma via onde o individual e o social se equilibram. Neste sentido, sublinha-se a natureza social do Homem, mostrando que o indivíduo apenas atinge o seu máximo potencial através da inter-relação com os seus semelhantes<sup>9</sup>. Fica também claro que este se compromete

<sup>8</sup> Cf. Toynbee, 1948: 253 e ss. e 1947: 164 e ss.

<sup>9</sup> "This underlying truth is that man is a social creature. He cannot achieve the potentialities of his nature except by going outside himself and entering into relations with other spiritual beings! The Christian would say that the most important of the soul's relations is its communion with God,

na construção do bem-estar comum, o que aponta para uma posição em que indivíduos e minorias excepcionais doam à coletividade o produto da sua criatividade, arrastando as massas no sentido do progresso das sociedades, sendo pioneiros. Escreve Toynbee:

The very fact that the growths of civilizations are the work of creative individuals or creative minorities carries the implication that the uncreative majority will be left behind unless the pioneers can contrive some means of carrying this sluggish rear-guard along with them in their eager advance (Toynbee, 1947: 214-15).

Na escrita de Bragança, esta dádiva do indivíduo à sociedade é exemplificada na luta do autor e das suas personagens pela transformação da sociedade portuguesa numa democracia, regime exaltado por Toynbee, por preservar intactas as características de cada membro da comunidade. Nesta perspetiva, em consonância com o pensamento de Teilhard de Chardin e Toynbee, e também do personalismo, em *Directa* fica clara a recusa de cada um em ser "formiga" e reivindica-se o direito de cada um a ser PESSOA. Diz o narrador-personagem:

Ao olhar da História, a minha mulher em derrocada o que valia? E enquanto eu não me podia esquecer dela na desolação do seu perder-se, outra pessoa, o Júlio,

---

but that it also needs to have relations with its fellow creatures, who are God's other children" (Toynbee, 1948: 257).

corria através da noite, vulnerável como uma perdiz em tempo de caça. Também ele (o Júlio), ao olhar da História, contava tanto como uma formiga dispensável em qualquer momento porque só o formigueiro conta. Mas eu – outra formiga? – tinha visto nele uma pessoa, com tudo o que pessoa implica [...]. Quem tinha mais certo olhar? (Bragança, 1995b: 252).

Neste sentido, Bragança e as suas personagens lutam por um modelo de sociedade onde o indivíduo jamais pode ser asfiziado pelo coletivo, objetivo claramente explicitado em *Directa*, quando se repudiam práticas em que "A formiga que tropeça noutra formiga moribunda segue em frente (como os homens carregando nas batalhas)" (Bragança, 1995b: 263). Não obstante, diz a personagem-narrador, "na contemporaneidade, emergiam formas de organizar gente, formas que eram já uma ameaça muito séria no tornar a Humanidade em Super-Formigueiro" (Bragança, 1995b: 263), ou seja, ameaças que operam no sentido contrário àquele que deve tomar a Evolução, que, para a personagem funcionou e deverá funcionar assim:

Resumindo: desde o aparecimento da vida no planeta até à provável aparição do Homem, seiscentos milhões de anos: ao fim destes, aqui estava o produto: no atual do meu tempo, biliões de indivíduos, de PESSOAS (e cada uma destas com um corpo, um rosto, um tom de voz e uns sulcos digitais sem confusão com outros). O que era cada um de nós? (Bragança, 1995b: 263).



Isto é, reivindica-se um modelo de sociedade em que cada indivíduo tem o direito a ser uma pessoa com as suas características próprias, que a sociedade deve ajudar a florescer e não aniquilar, em harmonia com os valores do Humanismo e do Cristianismo, e em consonância com as ideias de Toynbee<sup>10</sup> e Teilhard de Chardin, uma sociedade que só é compatível com a Democracia, no sentido em que só um modelo deste tipo é compatível com a continuidade da Evolução numa direção favorável à Humanidade.

## 5 | Conclusão

Em suma, Bragança e as suas personagens, ao lutarem pela transformação da sociedade a nível nacional, contribuem também para o advento de uma Nova Terra a nível planetário, um fenómeno que só poderá acontecer através do amor, da união, já não individual, mas coletiva, de acordo com as teorias de Teilhard de Chardin e Toynbee, mas também de acordo

<sup>10</sup> "The English political invention of Parliamentary Government provided a propitious social setting for the subsequent English invention of Industrialism. 'Democracy' in the sense of a system of government in which the executive is responsible to a parliament which is representative of the people, and 'Industrialism' in the sense of a system of machine-production by 'hands' concentrated in factories, are the two master-institutions of our age. They have come to prevail because they offer the best solutions which our Western Society has been able to find for the problem of transposing the political and economic achievement of the Italian city-state culture from the city-state to the kingdom scale; and both these solutions have been worked out in England in the age of what one of her latter-day statesmen has called her 'splendid isolation'" (Toynbee, 1947: 239 e ss.).

com o Cristianismo, em que o protagonista de *Directa* inscreve também a sua luta.

Este, ao refletir sobre as ações desenvolvidas e ao integrá-las num quadro de pensamento que lhes dê sentido e finalidade, interroga-se sobre o peso da sua ação individual, dizendo: "Entretanto: ao volante do Volkswagen encarnado, eu: onde se inseria o meu labor aparentemente microscópico?" (Bragança, 1995b: 249).

A esta pergunta, Teilhard de Chardin poderia responder:

Within a world of personal and convergent structure, in which attraction becomes love, man discovers that he can give himself boundlessly to everything he does. In the least of his acts he can make an entire contact with the universe, with the whole surface and depth of his being. Everything has become a complete nourishment to him (Teilhard de Chardin, 1971: 148).

## Bibliografia

Almeida, Francisco Vieira de, Prefácio a *Um Estudo de História*, de Toynbee, *Jornal de Letras e Artes*, 18, 31-01-1962.

Bragança, Nuno, "Ficção Científica", revista *KWY*, 10, 1962, p. 10.

Bragança, Nuno, "À Margem de Uma Polémica", *O Tempo e o Modo*, 4, Abril 1963, p. 17-28.

Bragança, Nuno, "O Objecto do Cinema", *Brotéria*, vol. LXXXII, 1, Janeiro 1966, p. 18-28.

Bragança, Nuno, *A Noite e o Riso*, Lisboa: D. Quixote, 1995a.

Bragança, Nuno, *Directa*, Lisboa: D. Quixote, 1995b.

Bragança, Nuno, *Square Tolstoi*, Lisboa: D. Quixote, 1996.

*Casamento (O)*, *Cadernos de O Tempo e o Modo*, 2, Lisboa: Morais Editora, 1968.

Colomer, Eusébio, *A Evolução Segundo Teilhard de Chardin*, Porto: Livraria Tavares Martins, 1967.

Damásio, António, *O Sentimento de Si*, Mem Martins: Pub. Europa-América, 2000.

Damásio, António, *O Livro da Consciência*, Lisboa: Temas & Debates/ Círculo de Leitores, 2010.

Damásio, António, *A Estranha Ordem das Coisas*, Lisboa: Temas & Debates/ Círculo de Leitores, 2017.

Loureiro, La Salette, "Gatos, cães e outros animais: presença e funcionalidades na ficção de Nuno Bragança", in Ballesteros, R. F., Bora, Z., Estevez, F. (eds), *De Ecocrítica Y "Animalia"*, Valladolid: Universitas Castellae, 2015a, p. 71-80.

Loureiro, La Salette, "Cristianismo e Marxismo em *Estação*, de Nuno Bragança", *Revista Abril*, 14, 2015b, p. 129-145, disponível em: <http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/90> [Consultado a 5-7-2018].

Maudale, Jacques, "La pensée historique de Toynbee", in Toynbee, A. J., *Le Monde et L'Occident*, Paris: Desclée de Brouwer, 1953, p. 12-65.

Teilhard de Chardin, Pierre, *L'Avenir de l'Homme*, Paris: Édition du Seuil, 1959.

Teilhard de Chardin, Pierre, *O Fenómeno Humano*, Porto: Livraria Tavares Martins, 1970.

Teilhard de Chardin, Pierre, *Sobre a felicidade; Sobre o amor*, Coimbra: Tenacitas, 2010.

Teilhard de Chardin, Pierre, *On Love & Happiness*, New York: Harper & Row, Publishers, 1984.

Teilhard de Chardin, Pierre, *Human Energy*, New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971.

Teilhard de Chardin, Pierre, "Sobre o Amor" (trad. Máximo Oliveira), in *O Casamento*, *Cadernos de O Tempo e o Modo*, 2, Lisboa: Morais, 1968, p. 87-89.

Toynbee, J. A., *A Study of History*, Abridgment volumes I-VI, by D. C. Somerwell, New York: Oxford University Press (Kindle), 1947.

Toynbee, J. A., *Civilization On Trial*, New York: Oxford University Press (Kindle), 1948.

Toynbee, J. A., *Le Monde et L'Occident*, Paris: Desclée de Brouwer, 1953.

Toynbee, J. A., *Um Estudo de História*, Lisboa: Ulisseia, 1969.

Tresmontant, Claude, *Introdução ao pensamento de Teilhard de Chardin* (trad. de Nuno de Bragança), Lisboa: Moraes, 1961.



O IELT é financiado por Fundos Nacionais através da FCT  
Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito dos projetos  
UIDB/00657/2020 e UIDP/00657/2020



O CETAPS é financiado por Fundos Nacionais através da FCT  
Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/04097/2020



O CHAM é financiado por Fundos Nacionais através da FCT  
Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/04666/2020.



O IHC é financiado por fundos nacionais através da FCT  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projetos  
UIDB/04209/2020 e UIDP/04209/2020.

